Rola a bola, rola o poder: reflexões sobre a Copa do Mundo de futebol masculino do Catar 2022[1]

The ball rolls, the power rolls: reflections on the Men's Football World Cup Qatar 2022

Luiz Henrique Zart
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Florianópolis, SC
luizhenriquezart@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9219-8197

Recebido em: 10 de março de 2025
Aceito em: 12 de janeiro de 2026

[1] Este estudo é uma adaptação de um trecho da dissertação de mestrado do autor.

Resumo:

A Copa do Mundo de Futebol masculino é considerada o evento esportivo de maior magnitude do planeta. A partir deste entendimento, este artigo pretende refletir, de uma perspectiva ensaística, sobre o mundial do Catar, realizado em 2022. A proposta é reconhecer o local em que o jogo é disputado, pensando megaeventos como espaços simbólicos privilegiados, sobretudo em um contexto de globalização, midiatização e mercantilização do esporte imposta pelo capitalismo-neoliberal. São abordados o processo de escolha do país-sede, manobras de bastidores e a tentativa do Catar de usar um poder suave para criar um discurso positivo sobre si diante do mundo. Entende-se que o cenário geopolítico e a pressão de atores em busca de influência, e o desrespeito aos Direitos Humanos em países autocráticos passaram a integrar a discussão pública além da esfera esportiva. No Catar, antes de a bola rolar, começou um outro jogo: o jogo de poder e interesses.

Palavras-chave: Copa do Mundo. Catar. Futebol. Poder.

Abstract:

The Men's Football World Cup is considered the largest sporting event on the planet. Based on this understanding, this article intends to reflect, from an essayistic perspective, on the 2022 Qatar World Cup. The proposal is to recognize the place where the game is played, thinking of mega-events as privileged symbolic spaces, especially in a context of globalization, mediatization and mercantilization of sport imposed by neoliberal capitalism. The process of choosing the host country, behind-the-scenes maneuvers, in Qatar's attempt to use soft power to create a positive discourse about itself in front of the world are covered. It’s understood that the geopolitical scenario and the pressure from actors seeking influence, and the disrespect for Human Rights in autocratic countries, have become part of the public discussion beyond the sporting sphere. In Qatar, before the ball rolled, another game began: the game of power and interests.

Keywords: World Cup. Qatar. Football. Power.

Introdução

Reconhecer o local em que um jogo de futebol será disputado é indispensável porque considera questões de contexto e permite um entendimento mais apurado sobre as condições em que a bola rola. Por isso, é interessante tratar sobre Copas do Mundo de futebol – neste estudo, destacando-se, as masculinas, em especial a 22ª edição, realizada no Catar. Isso porque, segundo ressaltam Helal e Mostaro (2020, p. 112-113), os mundiais são um dos principais palcos em que são vistas a exacerbação da identificação simbólica, a emulação de Estados-Nação, além das construções identitárias e geopolíticas em um império de globalização que atravessam as relações estabelecidas no futebol.

Com o futebol, um fenômeno sociocultural relevante. Especialmente em Copas do Mundo, há a ocupação de um espaço simbólico privilegiado, um território que possibilita uma variação narrativa diferenciada para a construção noticiosa – desde o vínculo afetivo (Barthes, 2008), a identificação com valores ligados a clubes e seleções, além do êxtase das vitórias, a angústia da espera, a tristeza das derrotas, identificação com algum atleta, histórias de interesse humano, indicações sobre comportamentos coletivos e ilustrações da vida social, que revelam um "cenário passional e em constante enunciar de aspectos de investimento da subjetividade e das intencionalidades" (Casagrande, 2021, p. 50). É uma condição que permite compreender o jornalismo esportivo enquanto uma instância de produção discursiva que envolve, além da competência técnica e da midiatização, emoções e crenças (Lovisolo, 2011).

Copas do Mundo representam uma outra dimensão dos eventos esportivos. Além de atingirem as identidades das nações, "fazem nascer heróis, ícones e lendas, que não apenas representam sua identidade nacional em um cenário global, mas flutuam num espaço global transnacional, transcendendo os limites do espaço, da identidade ou da cultura de uma nação [...] (Bandyopadhyay; Naha; Mitra, 2016, p. 1, tradução nossa). Segundo Bandyopadhyay, Naha e Mitra (2016, p. 1, tradução nossa), o que torna o futebol um esporte diferente de todos os outros no mundo é a capacidade de atingir uma massa de seguidores, "em todos os níveis, transcendendo a idade, o espaço ou o tempo".

Para os autores, são novos desafios impostos pelo processo acelerado da globalização nas últimas três décadas: comercialização, profissionalização e

midiatização, o que atinge frontalmente a proposta de um mundial de seleções de futebol. Nestes períodos, ganha uma dimensão mais intensa, com a imprensa como "produtora de determinados significados e de representações da realidade, tem alguma capacidade de interferir nas relações sociais. Ela usa, de forma incessante, códigos e símbolos que contribuem para a formação de visões do mundo" (Helal; Mostaro, 2020, p. 79). Desta maneira:

> A Copa do Mundo é muito mais do que um simples torneio de futebol: é um duelo simbólico entre nações que desfilam seus traços culturais através de estilos de jogo e de maneiras de torcer e celebrar. A atração que esse espetáculo esportivo exerce nas pessoas as partes de um processo que simultaneamente une diferenças e proporciona manifestações dessas culturas em estilos, comemorações e performances (Helal, 2021, p. 98).

Se o futebol, em certa medida, constrói suas narrativas a partir de metáforas da vida social que são projetadas no campo, na Copa do Mundo esta perspectiva se destaca ainda mais. Conforme aponta Helal (2021, p. 99), no início da disputa há uma aparente semelhança entre os competidores que, no final, se transforma em uma "inexorável assimetria" – podendo levar mesmo aquela que não é a melhor das equipes a ser a vencedora. Essa tensão é um elemento motivador, entre uma série de possibilidades, como pontua o autor: desde os possíveis erros do/a árbitro/a, a tensão de partidas eliminatórias, equipes piores no papel superando as teoricamente superiores, enquadramentos de heroísmo ou vilania entre os personagens – em uma fronteira agônica entre o êxtase e a frustração. A imprensa, sobretudo a partir das produções jornalísticas em um cenário em mutação, tem papel importante neste sentido, por meio de uma "forma de produção social de conhecimento comprometida com o tempo presente e responsável pela circulação de diversos discursos em sociedade" (Autor, ano, p. 2). O discurso esportivo também atravessa esta dimensão de enunciação.

Também em relação a este contexto, há uma característica contemporânea a respeito das práticas esportivas: o capitalismo transnacional faz com que a cultura de massa se apodere e utilize os megaeventos – já destacadamente marcados pela exploração imagética e sensorial pela mídia – como propulsores do espetáculo. Assim, são diluídos tanto os significados de cultura erudita, popular, quanto as fronteiras, na mesma medida em que a publicidade torna-se responsável por borrar as dimensões dos

gêneros jornalísticos, especialmente responsáveis por levar informação com determinada característica aos públicos (Bettine; Ozdemir, 2023; Autor, ano).

Seria, portanto, não apenas uma competição, mas um produto a serviço da federação que o realiza e dos patrocinadores e demais agentes envolvidos contexto que se dá desde a divulgação de marcas: "nas práticas de vendas de ingressos, construção de novos estádios, incremento do turismo e hotelaria das cidades-sedes, nos avanços da publicidade e propaganda ou nas transmissões pela TV, internet, e na mídia jornalística internacional" (Bettine; Ozdemir, 2023, p. 6).

Assim, Ludvigsen, Rookwood e Parnell (2023, p. 705, tradução nossa) interpretam que pensar sobre megaeventos é importante porque eles têm impacto sociológico, político, cultural e econômico. Nos últimos 20 anos, especialmente, é preciso que se destaque a abertura de horizontes, por exemplo, pelo interesse no estudo dessas ocasiões. Elas têm capacidade de "nos surpreender e nos prover com o vislumbre de processos mais amplos em jogo na vida como um todo", de modo geral porque "nos ajudam a melhor entender e dar sentido ao mundo em que vivemos" (Ludvigsen; Rookwood; Parnell, 2023, p. 705, tradução nossa). Considera-se que:

> Está bem estabelecido que os megaeventos desportivos são social, cultural, financeira, política e historicamente importantes e valiosos. Por exemplo, no mundo moderno, os megaeventos desportivos são normalmente utilizados pelos Estados como ferramentas de poder brando, marca nacional e diplomacia pública (Rookwood e Adeosun 2021). Os eventos são memorizados coletivamente e funcionam como pontos de referência nos calendários sociais das comunidades e na estruturação pública mais ampla do tempo [...] (Ludvigsen; Rookwood; Parnell, 2023, p. 705, tradução nossa).

Este estudo procura desenvolver uma reflexão de caráter ensaístico sobre a Copa do Mundo do Catar, realizada em 2022, para reconhecer por quais caminhos a bola rola. Compreende-se, assim, que saber o lugar onde o jogo é jogado permite pensar sobre as condições de realização de um evento da magnitude do mundial de futebol masculino. Sobretudo na edição realizada no Oriente Médio, tópicos além do campo ganharam espaço nas discussões, sobretudo a construção de um discurso sobre si diante do mundo globalizado -

Catar 2022: sobre quem tem o apito e o controle do jogo

Os significados construídos partem de uma mesma matriz nos megaeventos, considerando que sejam baseados em "espetáculos esportivos". Hartmann, Manning e Green (2023, p. 63, tradução nossa) apontam para a celebração do consumismo, o espaço à influência de corporações globais e a abundância de investimentos na cobertura da imprensa e na transmissão das partidas. Há, primeiro, uma interferência indireta com o reproduzir de hinos, o tremular de bandeiras e a composição dos times, nos quais o patriotismo e o nacionalismo são reforçados durante o evento, com a construção de memórias de longa duração (Giulianotti, 2019). Houve também, no caso do Catar, mensagens conscientes e intencionais: se por um lado os posicionamentos e a consciência social e política de atletas e federações contra posturas do país-sede em relação aos Direitos Humanos aumentaram, recebendo uma reprimenda tão forte quanto. Desta perspectiva:

> A forma como o desporto capta e exibe dinâmicas sociais complicadas é fundamental para o seu poder e significado social no mundo contemporâneo. Megaeventos como a Copa do Mundo oferecem um local incomparável para a dramatização e a luta sobre questões sociais devido ao seu escopo, à variedade de participantes, à cobertura e atenção da mídia global e à paixão e intensidade emocional que o público e os fãs globais trazem para eles (Hartmann; Manning; Green, 2023, p. 64, tradução nossa).

Além do desempenho esportivo, de performance, portanto, é pontual considerar – em uma outra visão – mensagens mais amplas e significados culturais que permeiam a política cultural do esporte, como defendem Hartmann, Manning e Green (2023, p. 64, tradução nossa). Os autores ressaltam que a maioria dos fãs de esporte, e também aqueles que escrevem sobre e interagem com este contexto não costumam "ter olhos, mentes e corações críticos ao próprio engajamento com o esporte". Isso conduz a falhas no tratamento de "problemas sociais e dramas sócio-políticos que se apresentam bem na frente deles – ou, se o fazem, minimizam ou dispensam as complicações do mundo 'real' o mais rápido possível em favor de voltar ao jogo" (Hartmann; Manning; Green, 2023, p. 64, tradução nossa).

Segundo ressalta Eliomar Filho (2023, p. 2), o futebol apresenta um poder político que ajuda a explicar o interesse de atores globais, tanto na esfera política quanto

econômica, sobretudo. Os benefícios a empresas, entidades, dirigentes e Estados Nacionais, para o autor, ilustram um jogo de interesses com diversas armas, tendo na geopolítica uma ferramenta das mais poderosas. Passa a ser, então, uma forma para que Estados-Nação alterem sua imagem diante dos demais, "estabelecendo acordos e laços com entidades, empresas, atores notáveis do cenário global que, por vias diplomáticas, pareciam intransponíveis". Suavizar a visão diante do mundo usando o esporte – aqui destacando-se o futebol como estratégia – é uma prática conhecida como *sportswashing*[2].

Fruh, Archer e Wojtowicz (2022, p. 103, tradução nossa) argumentam que o termo vem de outra expressão: *whitewashing*, usada metaforicamente envolvendo a aplicação de tinta para deixar uma superfície branca, ou com uma luz favorável, que encobre a presença de marcas e outras características duvidosas. O mesmo pode se dizer de *greenwashing*, que se refere às empresas que exageram ou fabricam virtudes ambientais para capitalizar o sentimento dos consumidores. Nos três casos, uma constante: "situa-se entre uma violação moral conhecível, por um lado, e o desejo de que essa violação moral receba menos atenção do que tem recebido, do que poderia receber, ou do que merece receber".

No caso do esporte, o envolvimento passional se torna um veículo estratégico de veiculação ideológica, sobretudo por ser um evento com audiência de mais de três bilhões de pessoas (Fruh; Archer; Wojtowicz, 2022, p. 101-102). Conforme ressaltam Fruh, Archer e Wojtowicz (2022, p. 103, tradução nossa), os objetivos da "lavagem esportiva" podem ser atingidos de diversas maneiras, entre as mais diretas possuir um clube ou sediar um grande evento mundial. As mensagens amplamente veiculadas, com sentido positivo, melhoram a reputação dos envolvidos.

Segundo os autores, é algo como alterar resultados de pesquisa na internet com muito volume de informação e relevância. Dessa forma, "se a primeira página dos resultados da pesquisa por 'Catar' pertencer à Copa do Mundo, menos pessoas chegarão às páginas posteriores onde aparecem resultados relativos a violações dos direitos

[2] Vem da união de duas palavras de origem inglesa para indicar "lavagem esportiva": "termo utilizado pela primeira vez em 2008 pela Anistia Internacional para acusar o Abu Dhabi United Group (de propriedade do xeque Mansour bin Zayed Al Nahyan, meio-irmão do atual presidente dos Emirados Árabes Unidos) de adquirir o clube inglês Manchester City para 'lavar' sua 'imagem manchada' objetivando esconder os crimes cometidos contra opositores, os parcos direitos das mulheres no emirado e a censura vivida pela população" (Eliomar Filho, 2023, p. 2).

humanos" (Fruh; Archer; Wojtowicz, 2022, p. 103, tradução nossa). Como aponta Coelho (2023, p. 14), isso não é novidade:

> [...] quando se trata de Mundiais organizados pela FIFA. Na Copa realizada na Itália, em 1934, e na Argentina, em 1978, o torneio também foi utilizado pelas respectivas ditaduras como forma de angariar apoio interno — e no país sul-americano, em menor medida, tentar se contrapor às denúncias de assassinatos e torturas realizadas pela Junta Militar veiculados na imprensa internacional. Esses exemplos históricos evidenciam a relação próxima da modalidade com a política e contextualizam de que modo o esporte pode ser usado por diferentes regimes autoritários [...] (Coelho, 2023, p. 14).

A Copa do Mundo é realizada desde 1930, de quatro em quatro anos, como um dos principais eventos esportivos na contemporaneidade. Organizada pela Federação Internacional de Futebol Associado[3] (FIFA), movimenta os universos econômico, turístico e midiático, entre tantas outras esferas, e, por isso, há interesses envolvidos em sediar o evento. Neste sentido, é também uma forma pela qual é possível que países adentrem o cenário mundial sem intervenções tão severas. Como foi com tantas outras, é o caso da edição de 2022, realizada no Catar. A história, contudo, começa tempos antes, em 2010.

Naquele ano, mais precisamente em 2 de dezembro, o Comitê Executivo da FIFA se reuniu em Zurique para definir quais países receberiam as Copas do Mundo de 2018 e 2022 – na primeira ocasião em que seriam escolhidos dois anfitriões de uma só vez. Se em 2018 a Rússia superou as candidaturas de Inglaterra e as indicações coletivas de Portugal e Espanha, e Bélgica e Holanda; em 2022, a proposta catari derrotou as de Estados Unidos, Austrália, Coreia do Sul e Japão.

O Catar se tornaria, assim, o primeiro país do Oriente Médio a sediar uma Copa do Mundo. Como lembra Coelho (2023, p. 5), no entanto, antes mesmo de a FIFA anunciar os vencedores, a própria eleição já era rodeada de suspeitas e acusações de corrupção. Dois dos 24 integrantes do Comitê da entidade, Amos Adamu, da Nigéria, e Reynald Temarii, do Taiti, "haviam sido afastados em outubro daquele mesmo ano depois de uma reportagem do *Sunday Times* mostrar que eles estavam dispostos a vender os votos para supostos lobistas americanos" (Coelho, 2023, p. 5).

[3] Em tradução livre.

Eliomar Filho (2023, p. 7) traça uma cronologia para tratar destas questões. O autor aponta a data de 23 de novembro de 2010 como a de um encontro do então presidente francês Nicolas Sarkozy, o da UEFA[4], o compatriota Michel Platini, e o xeque catariano Hamad bin Khalifa Al-Thani: "Esse encontro realizado em Paris, dias antes da escolha pela FIFA dos torneios de 2018 e 2022 apontam indícios de manobras de bastidores para o Catar se tornar sede da Copa, ao invés dos Estados Unidos [...]" (Eliomar Filho, 2023, p. 7). Há, ainda, outras situações[5] que vieram a público por meio da investigação jornalística[6]:

> O jornal inglês The Sunday Times divulgou, em 2019, o pagamento de 880 milhões de euros à FIFA pela rede de televisão catariana Al Jazeera, controlada pelo governo do país, com o intuito de comprar votos pela eleição dos árabes. Em 2013, a revista France Football divulgou uma matéria intitulada "Qatargate" que trazia acusações de compra de votos para a escolha da sede, movimentações suspeitas na véspera do pleito e conchavos políticos. Já o periódico inglês teve acesso a documentos que apontaram que vinte e um dias antes da escolha da sede da Copa a empresa pagou uma primeira parcela, restando outras duas e mais uma bonificação de 100 milhões de euros pelo êxito na operação, no caso a ida do torneio para o Oriente Médio (FRANCE, 2013) (Eliomar Filho, 2023, p. 7-8).

Nesta perspectiva, a motivação para que a FIFA elegesse o Catar como país a receber o torneio é a mesma da série de prisões em série de dirigentes da organização, a partir de 2015: suborno. Coelho (2023, p. 7-8) relembra uma reportagem do jornal *The New York Times*, que revelou investigações do Departamento de Justiça Estadunidense sobre a compra de votos para a escolha de sedes para o mundial de 2010. No texto, os três representantes da América do Sul no Comitê – Julio Grondona, Ricardo Teixeira e Nicolás Leoz – haveriam recebido dinheiro para escolher o Catar como país-sede do torneio de 2022.

[4] Union of European Football Associations (União das Associações Europeias de Futebol, em tradução livre).

[5] Entre as acusações, há diferentes níveis de gravidade: entre o caso de fãs que recebiam entre R$ 14 e R$ 18 da organização para assistir a exibições esportivas no Catar (Bonsanti, 2014), e as acusações de que a candidatura do país do Golfo sabotava os concorrentes com operações secretas, contratando pessoas influentes dentro dos países para fazerem propaganda contrária (Lobo, 2018b).

[6] A *Trivela* desenvolveu uma seção no próprio site, a *Fiscalize Catar 2022*, para tratar "seja em termos de infraestrutura, seja sem termos de organização, as acusações sobre o país que organiza, as questões envolvendo direitos humanos e tudo que envolve a preparação" (Fiscalize Catar, s/d., on-line). As publicações da seção foram feitas de 18 de julho de 2013 a 20 de setembro de 2022.

De fato, a vitória da proposta do Catar era uma surpresa, sobretudo se uma avaliação mais cuidadosa for feita sobre os concorrentes que, em tese, teriam mais chances. O país do Oriente Médio, jamais havia disputado sequer as fases finais da competição, com pouquíssima tradição na modalidade. Além disso, tinha ainda o agravante de ter que mudar o período de realização do evento – normalmente em junho/julho – para novembro/dezembro, por conta das condições climáticas adversas (Chade, 2015).

Por se tratar de uma região desértica, as temperaturas poderiam chegar a 45ºC no meio do ano. No entanto, a FIFA estabeleceu a disputa do torneio entre 20 de novembro e 18 de dezembro, "quando o clima é mais ameno e a temperatura oscila entre 20ºC e 25ºC" (Coelho, 2023, p. 6). Foram condições convenientes para a concretização de objetivos ambiciosos do Catar, sobretudo na tentativa de transformação da imagem do país diante da comunidade internacional – destaque-se, já que o Catar não tem tradição no cenário internacional do esporte, tanto em relação às ligas quanto a nível de seleção, situação comprovada pela participação como país-sede.

Ainda que houvesse protestos de seleções europeias, contrárias à realização do evento, a FIFA manteve a decisão. Como lembra Eliomar Filho (2022, p. 9), é um atestado de que o potencial de mobilização trazido pela Copa no sentido geopolítico é grande, assim como serve a grupos econômicos e entidades: "com o cunho de expansão de territórios a partir de mercados, zonas de influência comercial e estratégias de marketing para a expansão de marcas de caráter global". A imposição feita pela FIFA tinha um objetivo claro, especialmente porque "economicamente e geopoliticamente era fulcral avançar sua presença no mundo árabe" (Eliomar Filho, 2022, p. 9). Conforme aponta Coelho (2023), mesmo apresentando-se como um regime constitucional, o Chefe de Estado do país é um Emir:

> O Catar é governado pela família Al Thani desde meados de 1800 e é uma monarquia absoluta. O atual Emir do Catar é Sheikh Tamim bin Hamad al-Thani. A receita de suas reservas de combustível fóssil transformou-o de um pobre país desértico em um dos países mais ricos do mundo. De acordo com números do Banco Mundial, o Catar tem o maior PIB anual per capita do mundo em $128.3781 e praticamente não tem desemprego entre seus cidadãos (os Cataris) (Bettine; Ozdemir, 2023, p. 14).

No Catar, segundo ressaltam Bettine e Ozdemir (2023, p. 14), o Emir é Chefe de Estado, responsável por controlar o poder legislativo e, também o executivo – e mesmo o judiciário, em última instância. Existe proibição de formação de partidos políticos no território, e a única alternativa que se aproxima de um pleito eleitoral é a que elege um conselho consultivo municipal. Há, ainda, que se considerar a desigualdade gritante. Ao mesmo tempo, o país é extremamente rico e com uma população pequena, pode-se dizer que o Catar conta com o estado de bem-estar social mais bem desenvolvido do Oriente Médio – envolvendo tanto assistência médica gratuita, quanto educação e moradia de baixo custo. Por outro lado: "embora os cidadãos do Catar sejam os mais ricos do mundo, a grande maioria da população (trabalhadores migrantes) não são cidadãos e não têm direitos políticos, sociais, ambientais, cerceamento dos direitos civis e poucas oportunidades econômicas" (Bettine; Ozdemir, 2023, p. 14).

Deste panorama, é importante considerar que os investimentos do Catar para a realização da Copa do Mundo Masculina atravessam não apenas obras de infraestrutura. É uma postura mais agressiva em um projeto que envolve patrocínio a grandes clubes europeus, construção de academias de futebol e a aquisição de clubes, cujo maior exemplo é o francês Paris Saint-Germain (PSG) – com investimentos de milhões de euros na aquisição de estrelas para montar o elenco –, comprado em maio de 2011, portanto, pouco depois da escolha do Catar como país-sede do mundial.

Segundo aponta Coelho (2023, p. 12), o país comprou o PSG "por meio da Qatar Sports Investment (QSI), subsidiária do fundo estatal de investimento Qatar Investment Authority (QIA). Na época, o grupo pagou 50 milhões de euros por 70% das ações do clube", o que significou um aporte bilionário que segue até hoje. O investimento no esporte foi a maneira *suave* encontrada pelo Catar para se mostrar ao mundo, em especial a partir do início do século XXI. A situação é detalhada por Coelho (2023, p. 11-12):

> Em 2003, o governo criou centros de excelência espalhados pelo país e em outras áreas do globo, visando captar e atrair eventuais talentos. Mas foi a partir da década de 2010 que o aporte financeiro no futebol tomou rumos maiores. Dinheiro é o que não falta para o governo local. Além de ser produtor de petróleo, o Catar é um dos principais exportadores de gás natural do planeta, o que gera uma enorme capacidade de investimento para o Estado

> — ainda mais levando em conta o contexto político local, em que o poder é centralizado nas mãos do emir.

O contexto de desenvolvimento dos países do Golfo num geral é associado à descoberta de fontes de petróleo e gás, que sustentou um crescimento econômico e demográfico acelerado especialmente entre os anos 1970 e o início dos anos 2000. Então, ainda que seja importante mencionar a construção em massa de uma infraestrutura capaz de receber o evento, entre oito estádios, hotéis, estradas e redes de comunicação, questões sociais emergem e ganham relevância na discussão pública (Hartmann; Manning; Green, 2023, p. 62).

O envolvimento com o esporte global, portanto, segue uma tendência recente de Estados autocráticos e repressivos com muitos recursos a serem investidos como parte de uma política de diplomacia. Assim, prevalece o entendimento trazido por Bettine e Ozdemir (2023, p. 1), quando indicam que o país do Golfo "utiliza o esporte em quatro pilares de atração, sediar eventos esportivos internacionais; investir em esportes globais; promover o sucesso do país no nível esportivo de elite e engajar estrelas do esporte como diplomatas esportivos". No entanto, ao mesmo tempo em que a estratégia de aumento de visibilidade procurava estabelecer o país no cenário mundial, também trouxe mais vigilância internacional, questionando os interesses estratégicos envolvidos nos investimentos (Bettine; Ozdemir, 2023). Seria a proposta do *soft power*[7] posta em prática.

Neste sentido, conforme argumentam Ludvigsen, Rookwood e Parnell (2023), um megaevento como uma Copa do Mundo levanta questões de governança e quanto aos impactos gerados. No primeiro caso, por conta de envolver uma diversidade de atores – entre organizações esportivas, cidades e países-sede, corporações internacionais como patrocinadoras e grandes conglomerados de mídia, responsáveis pela transmissão. Além disso, há questões envolvendo o legado: sobre a reconfiguração e gentrificação dos espaços urbanos, o deslocamento de populações residentes em um processo de higienização social dos grandes centros e o desrespeito ao meio ambiente. Deste

[7] Uma espécie de "poder brando", em tradução literal, definido como a "capacidade de alcançar objetivos por meio da atração em vez da coerção" na arena global (Al-Dosari, 2020a, 2020b; Tajseer, 2021 *apud* Bettine; Ozdemir, 2023, p. 6). Florenzano (2022, p. 2) indica que o conceito foi originalmente elaborado "pelo cientista político Joseph Nye para analisar o modo pelo qual um agente estatal almeja desempenhar um papel relevante na arena global, sem recorrer à força militar".

contexto, entende-se que são levantadas variadas questões sobre regulação e transparência na realização de megaeventos.

Desde a escolha do Catar como local de realização da Copa do Mundo de 2022, doze anos antes da realização do evento, foram diversas as críticas envolvendo o desrespeito dos Direitos Humanos, além de alegações de suborno, corrupção e discriminação (Al-Dosari, 2020). Além da homofobia, de legislações racistas, capacitistas ou contrárias aos diretos das mulheres e da população LGBTQIA+, o Catar foi amplamente acusado de violar direitos, em especial da mão de obra migrante vinda do continente asiático "submetida a condições de trabalho desumanas na construção dos estádios e da infraestrutura do evento da FIFA" (Florenzano, 2022, p. 2). Sobre esta condição, vale mencionar: segundo Bettine e Ozdemir (2023, p. 15), a Confederação Sindical Internacional (ITUC), a Anistia Internacional (2016) e a *Human Rights Watch* (2020) denunciaram abusos trabalhistas em escala no setor da construção – entre condições precárias de alojamento, salários atrasados, confisco de passaportes e ameaças de retaliação, "como a proibição de deixar o Catar, caso alguns deles continuassem a se negar a trabalhar" (Escudeiro, 2016, on-line).

A pressão internacional, tanto da imprensa quanto de órgãos como organizações ligadas aos Direitos Humanos e a própria Organização das Nações Unidas, veio por conta da prática de um regime chamado Kafala. Esse sistema, já de longa data vigente nos países do Golfo, obriga os trabalhadores a serem patrocinados por algum residente, geralmente o próprio empregador, para conseguir a validade do visto e seguir no país (Khan, 2014). No entanto, essa situação criava uma dependência do patrão, que tinha poderes – durante cinco anos – para definir sobre se, como e quando seus empregados receberiam salário pelo trabalho prestado (Coelho, 2023). Além disso, neste modelo, trabalhadores só podem se deslocar e/ou trocar de emprego com autorização, sob pena de serem acusados de desrespeito à lei e terem os passaportes confiscados por autoridades legais (Lobo, 2019). Em dados divulgados pela *Impact Limited*, responsável por uma auditoria externa do mundial, há indicações de que:

> [...] alguns trabalhadores podem trabalhar até 14 horas por dia (quatro horas a mais do que o limite estabelecido na lei catariana), além de 402 horas por mês (o que significa 90 horas além do limite). E as coisas pioram mais: oito das 19 empresas avaliadas têm trabalhadores que trabalham muitos dias

> consecutivos sem folga (o que significa sete dias seguidos). No pior cenário, uma das empresas tinha três trabalhadores que trabalharam 124 e 148 dias consecutivos sem descanso de um dia sequer, o que significa quase cinco meses trabalhando sem pausa (Lobo, 2018a, on-line).

Coelho (2023, p. 6) ressalta que a nação do Golfo "é composta, em sua maioria, por imigrantes provenientes de outras partes do continente asiático, de modo que apenas 15% da população local é de pessoas nascidas no país". Stein (2014, on-line) reitera a situação, ao destacar que "os imigrantes correspondem a 94% dos 1,3 milhão de operários que trabalham no Catar". O regime, então, é uma forma de o governo delegar a função de fiscalização e cuidado com o migrante, em um cenário de abuso (Griffin, 2019). E mesmo que o Catar tenha afirmado abolir a prática a partir de 2020[8], as denúncias ligadas à realização do mundial continuaram, entre abuso de autoridade e salários atrasados. Ainda que o regime tivesse acabado com a exploração laboral imediatamente, o que não aconteceu, dez anos são "bastante tempo para que os trabalhadores empregados nas obras para a Copa tenham sofrido com condições precárias" (Coelho, 2023, p. 9).

Foi o que revelou uma reportagem do jornal britânico *The Guardian*, em fevereiro de 2021: Desde 2011, 6.500 trabalhadores haviam morrido nas construções de estádios e hotéis para o Mundial[9], especialmente migrantes do Paquistão, Índia, Bangladesh, Sri Lanka e Nepal (Coelho, 2023; Florenzano, 2022; Pattinson; McIntyre, 2021). A informação é baseada em dados fornecidos pelas embaixadas dos países no Catar, segundo apontam Bettine e Ozdemir (2023, p. 14). Autoridades cataris, no entanto, dizem que houve entre 400 e 500 mortes relacionadas às obras para a Copa do Mundo no país. Apesar das especulações de troca de sede e mesmo com protestos, principalmente de seleções europeias, contrárias à realização do evento no país árabe, a

[8] Em acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) das Nações Unidas, em novembro de 2017, o Catar se comprometeu a revisar a legislação (Lobo, 2019). Só então, ao se menos na legislação, estabeleceu um salário mínimo temporário, além da definição de comitês para discutir questões trabalhistas. Essa postura veio após a veiculação de reportagens de veículos como *BBC* e *The New York Times*, retratando as condições degradantes de trabalho. Contudo, como aponta Lobo (2019), "outro problema é que embora o salário mínimo tenha sido estabelecido, ele é de apenas US$ 200 (cerca de R$ 734 reais [à época]). Os tribunais criados para tratar dos abusos dos trabalhadores imigrantes, incluindo o não pagamento de salários, estão sobrecarregados de casos e centenas de trabalhadores voltaram para casa sem terem recebido pelos trabalhos feitos, ou mesmo sem qualquer compensação pelo tempo que ficaram no país".

[9] Em 2019, uma reportagem do jornal britânico *The Guardian* mostrou, por meio de pesquisas médicas feitas por especialistas, que centenas de mortes foram causadas por "estresse por calor".

decisão foi referendada pela FIFA e a Copa aconteceu. Sob um custo financeiro, humanitário e social altíssimo, sobretudo.

Considerações finais

A proposta de refletir sobre a Copa do Catar neste artigo foi pertinente justamente para que se tivesse uma compreensão para além da esfera esportiva. Como se destacou anteriormente, as Copas do Mundo de Futebol – neste caso, com destaque à masculina – têm uma dimensão diferente no universo das práticas corporais. Ultrapassa as quatro linhas e invade outros espaços, das manifestações individuais e coletivas, do envolvimento simbólico, emocional, identitário, social e político de diversos atores sobretudo no contexto da globalização. Nesse momento específico, em que a comunicação exerce um papel fundamental na circulação discursiva sobre os eventos esportivos, as estratégias dos países-sede também se alteraram: não mais envolvem (apenas) investimentos altíssimos do ponto de vista financeiro, mas também a construção de um poder mais subjetivo, diferente daquele exercido por regimes ditatoriais, sobretudo na América Latina entre as décadas de 1960 e 1980. Depois da virada do milênio, as alternativas que se mostram vantajosas se dão por meio da construção de uma imagem, de um discurso positivo dos países-sede sobre si, e, necessariamente, da ocultação de qualquer vestígio que possa se opor a isso.

Em um contexto em que a midiatização toma conta do esporte, é também ela que se relaciona com os desafios contemporâneos: incluindo a transformação de eventos da magnitude de um mundial de futebol em espetáculos. Espetáculos não só do ponto de vista esportivo, mas também no sentido de mercantilização de uma sociedade capitalista-neoliberal que comercializa não só o "produto", mas tudo que deve deriva: captura ações, emoções, sentimentos, enfim, a mobilização provocada por esse fenômeno, em certa medida. Todo este pano de fundo aparece misturado a um caldo cultural já presente em mundiais anteriores, sem tanto apelo midiático: uma disputa de sentidos entre os entendimentos de cada país para consigo e para com o outro, um confronto de formas de ver o mundo – tudo isso transportado para dentro de campo, além do espectro esportivo, e redimensionado por determinadas representações da realidade. Foi possível notar o quanto um mundial de futebol se configura como um espaço discursivo de projeção de estereótipos, de histórias que exploram, pela dimensão

simbólica, o aflorar de identidades e identificação entre os heróis, vilões e personagens que surgem. Mas que vai além.

Ao pensar os megaeventos esportivos como catalisadores de influência, pode-se dizer que, na contemporaneidade, também são influenciados por uma série de atores interessados. Corporações globais, governos, personalidades, autocratas e outros personagens tomam um espaço privilegiado no tabuleiro das relações proporcionadas por um mundial de um evento massivo e significativo como o futebol. A perspectiva ensaística permitiu notar que os investimentos econômicos e ideológicos na exploração da Copa do Mundo têm efeitos relevantes na realização e no significado da competição. Alteram os movimentos da geopolítica e dão dimensão, por exemplo, da pressão de personalidades e grupos econômicos envolvidos, com suas tratativas expansionistas e de influência que não vêm de uma só vertente.

Atenção projetada pela cobertura da imprensa, uma quantidade absurda de recursos investidos em estrutura – nem sempre (ou quase nunca) com a contrapartida social – no caso do Catar, com um saldo de suor, sangue e mortes a pintar os campos. Sangue de trabalhadores, mas também sangue financiado por projetos autocráticos que se sustentam na tentativa de criar um discurso ilusório para a comunidade internacional – no que se pode chamar de "legado" gerado pelos impactos vindos do evento.

Um pano que encobre temporariamente uma série de problemas profundos e estruturais, como o desrespeito os Direitos Humanos denunciado no primeiro mundial sediado no Oriente Médio. Como se disse, questões além do jogo ganham relevância na discussão pública. Ao mesmo tempo em que se ganha visibilidade internacional, o escrutínio também aumenta – abrandado, em muitos casos, pelo poder do dinheiro e de acordos nada éticos. Regulação e transparência parecem ser palavras que perdem força – acreditamos, sobretudo, pela dimensão lúdica que usualmente é colocada sob o esporte, como algo menos sério ou que mereça menos atenção. Como se percebe, é justamente nesta área cinzenta, nesse espaço de sombra, que o poder e a influência atuam.

É sobretudo, como dissemos, um jogo de influência: de interesses de atores nas esferas econômica e política, com a intenção de obter capital, desde entidades privadas e multinacionais até Estados-Nação. Este estudo se enveredou brevemente pelo processo

de escolha do país-sede, pelas manobras de bastidores, reveladas pelo trabalho de investigação jornalística. Mesmo porque se estava diante de uma justificativa evidentemente insustentável do ponto de vista esportivo: em um país com condições climáticas extremas e de pouca relevância no cenário futebolístico internacional.

Pensando brevemente a respeito deste estudo, compreende-se que a abrangência tem limitações por motivos variados. A proposta ensaística é mais aberta, permite a discussão de determinada temática sem que se faça um recorte concreto sobre a materialidade do que se analisa. Na mesma medida, por se tratar de um evento relativamente recente, entende-se que este artigo cumpre a proposta inicial de refletir sobre a Copa do Mundo do Catar – um país mais isolado, ao menos aos parâmetros ocidentais. Pode, com isso, projetar outras observações acerca do evento, com mais tempo e ponderação, e também permite projetar algo para os próximos grandes eventos esportivos que possam vir a estar no foco de pesquisadores.

No caso do mundial de 2022, foi uma clara cartada, uma aposta alta de investimento na *suavidade* do discurso esportivo para tentar introduzir uma transformação da interpretação externa sobre o país que recebe o mundial – algo que não é novidade, mas atualmente ganha outros contornos. Mais que isso, megaeventos se fixam em um contexto de impacto social, cultural, e atravessado por questões de geopolítica, com implicações variadas. No caso do Catar – e não só lá, ressalte-se –, o jogo aconteceu, mas não apenas com a bola, dentro do gramado. Talvez antes dela rolar, o que role seja um outro jogo: o jogo de poder.

Referências

AL-DOSARI, Khalifa Nasser. *Analysis of the Impediments to the Effective Management of Mega Sporting Events: A Case of the FIFA 2022 World Cup in Qatar*. European Journal of Business and Strategic Management, 2020, 5 (1): p. 70–95. Disponível em: https://www.iprjb.org/journals/index.php/EJBSM/article/view/1115/1230. Acesso em: 07 jun. 2024.

BANDYOPADHYAY, Kausik; NAHA, Souvik; MITRA, Shakya. *FIFA World Cup and beyond: sport, culture, media and Governance*. Sport in Society, p. 1-8, 2016.

Disponível em: http://dx.doi.org/10.1080/17430437.2016.1158475. Acesso em: 08 set. 2023.

BETTINE, Marco; OZDEMIR, Marina. *A Copa do Mundo masculina do Catar 2022 pelas lentes da mídia ocidental: soft power, diplomacia esportiva e sportswashing*. Revista Esporte e Sociedade, Rio de Janeiro, n. 38, p. 1-25, 2023. Disponível em: https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/59731/35896. Acesso em: 07 jun. 2024.

BONSANTI, Bruno. *Catar ensina: para colocar gente nos estádios, basta pagar os torcedores*. Trivela, [s. l.], 19 dez. 2014, Fiscalize Catar 2022. Disponível em: https://trivela.com.br/asia-oceania/catar-ensina-para-colocar-gente-nos-estadios-basta-pagar-os-torcedores/. Acesso em: 10 jun. 2024.

CHADE, Jamil. *Política, propina e futebol: como o Padrão FIFA ameaça o esporte mais popular do planeta*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

COELHO, João Pedro. *A Copa no Catar: o ápice de um projeto de Estado para melhorar a imagem do país*. Revista Avesso: Pensamento, Memória e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 1–19, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.23925/2675-8253.2022v3n2A3. Acesso em: 07 jun. 2024.

ELIOMAR FILHO, José. *Geopolítica na Copa do Mundo de Futebol Masculino: (para além do) Catar 2022*. RecordE: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro v. 16, n. 2, p. 1-25, 2023. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/62431/39823. Acesso em: 07 jun. 2024.

ESCUDEIRO, Leo. *Anistia Internacional denuncia trabalho forçado nas obras de estádio para a Copa de 2022*. Trivela**,** 31 mar. 2016, Copa do Mundo. Disponível em: https://trivela.com.br/copa-do-mundo/anistia-internacional-denuncia-trabalho-forcado-nas-obras-de-estadio-para-a-copa-de-2022/. Acesso em: 10 jun. 2024.

FISCALIZE CATAR 2022. *Trivela***,** [s. d.]. Disponível em: https://trivela.com.br/copa-do-mundo/fiscalize-catar-2022/. Acesso em: 10 jun. 2024.

FLORENZANO, José Paulo. *Editorial: as configurações do jogo: Contextos, agentes e significados.* Revista Avesso: Pensamento, Memória e Sociedade, São Paulo, v. 3 n. 2, p. 1-10, 2022. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/avesso/article/view/61921/42184. Acesso em: 07 jun. 2024.

FRUH, Kyle.; ARCHER, Alfred.; WOJTOWICZ, Jake. *Sportswashing: Complicity and Corruption*. Sport, Ethics and Philosophy, v. 17, n. 1, p. 101–118, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1080/17511321.2022.2107697. Acesso em: 07 jun. 2024.

GIULIANOTTI, Richard. *Football Events, Memories and Globalization.* Soccer & Society, v. 20 (7–8): p. 903–911, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1080/14660970.2019.1680490. Acesso em: 09 jun. 2024.

GRIFFIN, Thomas Ross. *National identity, social legacy and Qatar 2022: the cultural ramifications of FIFA's first Arab World Cup*. Soccer & Society, v. 20, n. 7-8, p. 1000-1013, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1080/14660970.2019.1680499. Acesso em: 05 jun. 2024.

HARTMANN, Douglas; MANNING, Alex; GREEN, Kyle. *Postgame Analysis: Qatar 2022 and the Social Significance of Global Sport*. Contexts, v. 22, Issue 3, p. 62-64, 2023. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/15365042231192501. Acesso em: 07 jun. 2024.

HELAL, Ronaldo. *Sobre futebol, esporte e cultura.* Curitiba: Appris, 2021.

HELAL, Ronaldo; MOSTARO, Filipe. (orgs.). *Narrativas do esporte na mídia: reflexões e pesquisas do LEME*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020.

KHAN, Shahrukh. FIFA's *Calling: giving Qatar the red card*. Harvard International Review, v. 36, n. 1, p. 50-52, 2014. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/43649249. Acesso em: 08 jun. 2024.

LOBO, Felipe. *Anistia Internacional cobra Catar por descumprimento de melhorias trabalhistas em obras da Copa*. Trivela**,** 05 fev. 2019, Copa do Mundo. Disponível em: https://trivela.com.br/copa-do-mundo/anistia-internacional-cobra-catar-por-descumprimento-de-melhorias-trabalhistas-em-obras-da-copa/. Acesso em: 10 jun. 2024.

LOBO, Felipe. *Trabalhadores de obras da Copa 2022 ficam até cinco meses sem folga, segundo relatório*. Trivela, 09 mar. 2018a, Copa do Mundo. Disponível em: https://trivela.com.br/copa-do-mundo/trabalhadores-de-obras-da-copa-2022-ficam-ate-cinco-meses-sem-folga-segundo-relatorio/. Acesso em: 10 jun. 2024.

LUDVIGSEN; Jan Andre Lee; ROOKWOOD, Joel; PARNELL, Daniel. *The sport mega-events of the 2020s: Governance, impacts and controversies.* Sport in Society, v. 25, n. 4, p. 705-711, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1080/17430437.2022.2026086. Acesso em: 07 jun. 2024.

PATTINSON, Pete; McINTYRE, Niamh. *Revealed: 6.500 migrant workers have died in Qatar since World Cup awarded.* The Guardian, Londres, 2021. Disponível em: https://www.theguardian.com/global-development/2021/feb/23/revealed-migrant-worker-deaths-qatar-fifa-world-cup-2022. Acesso em: 9 jun. 2024.

STEIN, Leandro. *Como é ver a final da Copa em um campo de trabalhos forçados no Catar de 2022*. Trivela**,** 17 jul. 2014, Copa do Mundo. Disponível em: https://trivela.com.br/copa-do-mundo/como-e-ver-final-da-copa-em-um-campo-de-trabalhos-forcados-qatar-de-2022/. Acesso em: 10 jun. 2024.